

Berlinale/Divulgação



No Beast, So Fierce

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

**C**heia de amor pelo Brasil, numa consagração de “O Último Azul”, de Gabriel Mascaro, a 75ª Berlinale encerrou suas atividades no domingo demarcando um repertório de narrativas nas quais o otimismo superava o habitual catastrofismo das curadorias germânicas anteriores. A nova diretora artística do evento, Tricia Tuttle, explicou numa coletiva que “a arte da escuta” sempre foi o atributo principal da maratona cinéfila da Alemanha. Por isso, ao sair da direção artística do BFI London Film Festival para assumir a guarda das mostras (competitivas ou não) de Berlim, a programadora quis emular essa habilidade de “escutar”, abrindo seus ouvidos para os ecos autorais do Presente. Ouviu expressões de indignação, lamentos e brados de guerra, mas soube decantar cânticos de prospecção nada derrotistas, a fim de compor uma seleção que mira o porvir, do mundo e da própria arte cinematográfica. Confira a seguir o que Berlim viu de melhor.

**SORDA**, de Eva Libertad (Espanha): A pátria de Almodóvar sempre faz bonito na Berlinale, quando entra em sua grade. Voltou para casa este ano com a láurea da Associação de Cinemas de Arte da Europa graças à batalha de Ángela, uma mulher com problemas auditivos, e Héctor, seu parceiro. Eles estão esperando um filho. Apesar de muito animados com a gravidez, não sabem se o bebê vai herdar a surdez da mãe. Depois de um trabalho de parto complicado e emocionalmente intenso, Ángela dá à luz sua filha, mas o casal terá que esperar alguns meses para saber se a neném sofre de algum problema de audição. Durante esse período, Héctor se esforça para entender completamente os desafios que Ángela está enfrentando, enquanto ela precisa se

# Uma Berlinale para ficar na memória



Recheada de brasilidade, a maratona alemã de 2025 revelou uma série de pérolas, em suas diferentes mostras, mapeando novas tendências nas telas para a alegria dos cinéfilos



Nuria Jean/Divulgação

Sorda



We Made A Thing Studios

Lesbian Space Princess

conformar com a criação de um ser a quem pretende dedicar todo o seu querer.

**BEGINNINGS** (“Begyndelser”), de Jeanette Nordahl (Dinamarca): Destaque de “A Garota da Agulha” (hoje na MUBI e no páreo do Oscar), Trine Dyrholm foi premiada pela Berlinale em 2016, por “A Comunidade” e, desde então, filme após filme, ela se impõe como uma estrela de prestígio global, sempre levando a potência dramática escandinava consigo. Em seu filme mais recente, Trine vive Ane, cujo casamento com Thomas está nos finais, pois ele já tem uma

namorada. Depois que ela sofre um derrame, ele decide ficar e tenta reinventar a relação.

**HORA DO RECREIO**, de Lucia Murat (Brasil): Eis o filme mais requintado da realizadora carioca desde “Quase Dois Irmãos” (2004). Deixou a Berlinale coroado com a menção honrosa do júri da mostra Generation. É uma aula de estrutura dramática. Murat retrata a reação de uma série de estudantes a uma pesquisa com professores da rede pública. Os jovens documentados discutem temas como evasão escolar, racismo, tráfico de drogas, bala perdida, feminicídio e



Hora do Recreio

Spok Films



‘Little Trouble Girls’

gravidez precoce, além de performarem uma peça de teatro baseada no livro “Clara dos Anjos”. Por meio dessa dramatização, realizada por atores dos grupos Nós do Morro, do Vidigal; Grupo de Teatro VOZES, do Cantagalo; e Instituto Arteiros, da Cidade de Deus, alunas e alunos em cena comparam as interpretações às suas vivências como moradores de comunidades.

**LITTLE TROUBLE GIRLS** (“Kaj ti je deklica”), de Urška Djukic (Eslovênia): Um estudo sobre o benquerer e as sequelas que ele pode trazer no despertar da primavera